Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

Letras

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95148, 2026 - DOI:10.5902/2176148595148 - ISSN 2176-1485
Submissão: 16/01/2026 Aprovação: 27/05/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Retrato Falado: memória e resistência à ditadura através de uma história em quadrinhos

Retrato Falado: memory and resistance to the dictatorship through a comic book

Marcio José Melo Malta[I*]

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar a história em quadrinhos "Retrato Falado" como um símbolo de contestação do regime militar brasileiro. Através da obra, o autor mineiro Lor denunciou os desmandos vivenciados no período. O álbum publicado em 1979 serve ainda como um objeto de memória, pois suas sucessivas reedições servem para que outras gerações resgatem os acontecimentos por uma perspectiva crítica. O artigo utiliza a semiologia como ferramenta teórica, assim como as contribuições do campo da comunicação através do estudo de Moacy Cirne sobre o tema. Assim como é feita a devida contextualização histórica do momento em que os desenhos foram produzidos e publicados.
Palavras-chave: Ditadura; História em quadrinhos; Semiologia; Memória; Arte

Abstract: The aim of this work is to analyze the comics "Retrato Falado" as a symbol of protest against the Brazilian military regime. Through the work, the Minas Gerais-born author Lor denounced the abuses experienced during that period. The album, published in 1979, still serves as an object of memory, as its successive re-editions allow other generations to revisit the events from a critical perspective. The article uses semiotics as a theoretical tool, as well as contributions from the field of communication through Moacy Cirne's study on the subject. The historical context of the moment in which the drawings were produced and published is also provided.
Keywords: Dictatorship; Comic books; Semiotics; Memory; Art

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar a história em quadrinhos "Retrato Falado", criada pelo cartunista brasileiro Lor. Feita no período da ditadura militar brasileira (1964-1985), teve sucessivas reimpressões em diversos momentos, causando assim impacto interativo em diversas gerações.

O escopo do artigo abrange para além de uma análise em si do álbum, reconhecer essa contribuição como um caráter inovador inclusive no formato, podendo ser vista como uma primeira experiência de narrativa longa e complexa, abordando um tema histórico, na área das histórias em quadrinhos brasileira. A motivação central da pesquisa é resgatar o álbum

[I] Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil
[*] Autor correspondente – marciomalta@id.uff.br

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

“Retrato Falado” como peça chave fundamental de uma época. Conferindo às histórias em quadrinhos o reconhecimento de uma produção cultural significante e de alto impacto no público leitor. O estudo busca, assim, compreender como o autor procurou conscientizar o público sobre a crueldade da Ditadura Militar. Dentre outros objetivos, podem ser listados uma abordagem do processo criativo do artista, aliado ao debate teórico que é proposto para melhor compreender a envergadura do objeto.

A metodologia adotada é uma combinação de dados empíricos, com análise da fonte primária em que se reveste a própria história em quadrinhos “Retrato Falado”, combinada com a exploração de aportes teóricos dos campos das Ciências Sociais, História e Comunicação. O trabalho conta com uma entrevista com o artista Lor, conduzida por correio eletrônico a partir de dez questões elaboradas pelo autor do artigo. Ao longo da redação eventuais dúvidas foram dirimidas e foi realizada ainda uma entrevista final presencial na capital mineira Belo Horizonte, para sanar lacunas eventuais e que nesse formato de conversa surgiram, como lapsos de memórias que ao ser indagado se recordou. A opção pela entrevista se deu em consonância com o método defendido por Carlo Ginzburg que defende explorar a dimensão social do pensamento e das ideias dos autores, adotando fontes que apontam “pistas” e “indícios” das intenções de tais figuras. Segundo o pesquisador a investigação deveria focar em resíduos e dados marginais que poderiam soar irrelevantes, mas ganhariam grande valor ao serem analisados detidamente (Ginzburg, 2003).

Em termos de referenciais teóricos, se adota um *corpus* teórico que abrange desde o diálogo com campos como o da semiologia, com autores como Roland Barthes, um debate sobre a questão estética e política em Walter Benjamin e no campo dos quadrinhos as abordagens de Groensteen, Peeters e um olhar especialmente interessado no enfoque conferido pelo estudioso da comunicação Moacy Cirne, que para além da importância do estudo desse fenômeno em si que são os quadrinhos, dedicou um capítulo inteiro que se debruçou especificamente sobre o significado da atuação do artista Lor como um quadrinista engajado.

A estrutura do trabalho contempla, além da presente introdução, um primeiro item onde a biografia do artista é revelada e após essa explanação consta um item onde o formato inovador do trabalho é abordado, assim como o contexto histórico da redemocratização é exposto, descrevendo a atmosfera que circundava o artista. O tema em si da pesquisa, a obra “Retrato Falado”, é desenvolvido e pormenorizado na última seção. Nas considerações finais se busca um esforço de síntese, onde uma contribuição reflexiva é feita acerca da importância do álbum não só para época, mas como produto de memória da época para gerações subsequentes.

RELATO BIOGRÁFICO DO ARTISTA

Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues nasceu em 27 de março de 1949 em Jesuânia, cidade do interior de Minas Gerais. O artista integra a geração nascida no pós-Segunda Grande Guerra Mundial. Viveu sua juventude no final dos anos 60, época de intensa politização e radicalização por parte dos jovens. Lor ingressou na faculdade em 1968, na fatídica época em que o Ato Institucional de número 5 foi decretado. No ano seguinte já pertencia à organização política denominada Corrente, ligada à Ação Libertadora Nacional (ALN), fundada pelo guerrilheiro Carlos Mariguella. Por conta dessa atuação foi preso. O engajamento se deu principalmente por conta da experiência como estudante de graduação na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde se formou em 1972.

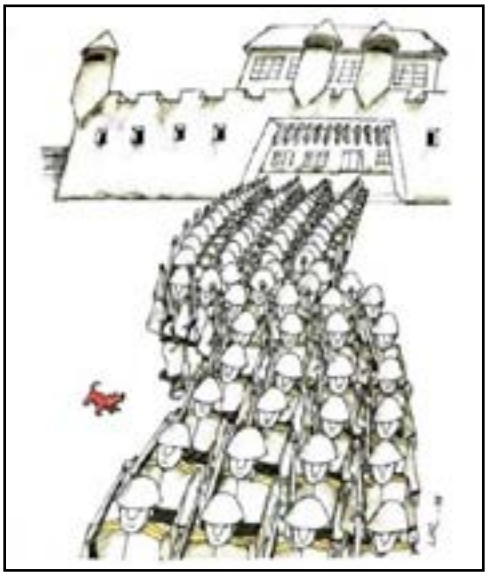
Apesar de desenhar desde criança e ter mantido o hábito durante os tempos de estudante, localiza o início de sua carreira como ilustrador no ano seguinte ao da formatura. Adotou o pseudônimo de Lor, as iniciais do seu nome que haviam sido bordadas nas roupas do colégio internato. Esse acrônimo excluiu apenas o nome do meio, o Carneiro, da família materna.

O ingresso no jornal "O Pasquim" surgiu de maneira inusitada. O jornalista Ernesto Rodrigues levou alguns desenhos do irmão Lor para mostrar ao cartunista Ziraldo após uma palestra. O criador do personagem Menino Maluquinho recomendou que ele enviasse obras para a redação do jornal carioca. A atuação em "O Pasquim" foi esporádica e posteriormente Lor contribuiria com os principais veículos da grande imprensa, como "O Estado de São Paulo", "Jornal do Brasil" e "O Globo".

As influências no traço e na construção de narrativas foram apontadas em entrevista concedida ao autor deste trabalho. Lor destaca que no campo do desenho de humor os artistas que fizeram a cabeça foram principalmente os também cartunistas mineiros Henrique de Souza Filho, o Henfil, Nilson Azevedo e Ziraldo Alves Pinto. Citou ainda o desenhista carioca Millôr Fernandes, que brincando com o próprio nome, dizia que era mil vezes melhor cartunista que Lor. Dentre os artistas que compunham histórias de aventura, Lor reconheceu o efeito em sua formação do personagem de faroeste Ken Parker, criado em 1974 com roteiro de Giancarlo Berardi e desenhos de Ivo Milazzo.

Conquistou prêmios em salões de humor, como o tradicional Salão Internacional de Humor de Piracicaba, onde venceu como primeiro lugar em sua quinta edição no ano de 1978 (Figura 1). Publicou no jornal Diário Popular, de São Paulo, pelo período de 15 anos. Fez charges para a imprensa alternativa em jornais como "O Movimento" e foi um dos fundadores da publicação mineira "O Almanaque do Humordaz", juntamente com outros cartunistas, como Aroeira e o já citado Nilson. Apesar de ter circulado apenas em 1976, teve relevante significado para a cena local e até mesmo nacional.

Figura 1 – Charge de Lor vencedora do Salão Internacional de Humor de Piracicaba de 1978



Fonte: Lor, 2003, p. 73

Produziu obras infantis, tendo a obra “Três gatos e um peixe” sido adotada no ano de 2025 pelo Programa Nacional de Livros Didáticos do Governo Federal para ser distribuído nas escolas de todo o Brasil. Continua até hoje atuante, produzindo charges que publica em um blog. Em paralelo à sua dedicação como desenhista está a carreira acadêmica. Se tornou professor da Universidade Federal de Minas Gerais em 1976, na área da fisiologia do esporte, lotado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e posteriormente como médico e pesquisador do Centro de Referência em Neurofibromatoses do Hospital das Clínicas da Universidade. Se tornou professor titular e hoje mesmo aposentado continua atuando como voluntário.

UM QUADRINHO INOVADOR NO FORMATO E CONTEÚDO

A história em quadrinhos “Retrato Falado” foi publicada em 1979. Roteirizado e ilustrado pelo cartunista mineiro Lor, o álbum retrata a ditadura civil militar empresarial brasileira por uma perspectiva crítica. A primeira edição da obra teve uma tiragem de 5.000 exemplares, sendo impressa em papel jornal pela Editora Vega, situada em Belo Horizonte, Minas Gerais. O trabalho foi feito em uma época que o artista era integrante da Fundação Centro de Estudos do Trabalho, CET, de educação política. Teve ampla repercussão e esgotou em cinco meses, segundo o próprio desenhista: “A primeira edição de 5 mil exemplares se esgotou em poucos meses” (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 13 de setembro de 2025).

Em 2003, a editora Nona Arte, dirigida pelo desenhista André Diniz publicou o livro em formato digital e impresso, tendo ambos o mesmo sucesso da primeira aparição. No meio digital foram registrados mais de 10.000 *downloads* nas primeiras semanas em que esteve disponível e as 100 cópias impressas rapidamente foram vendidas. Duas décadas depois, em 2023, a editora Mambembe ressuscitou o volume através de uma campanha de financiamento coletivo e teve o mesmo destino das outras edições, encontrando-se novamente fora de catálogo, sendo encontrada somente em sebos.

O ano em que foi publicada a história em quadrinhos, 1979, está inserido em um contexto histórico de redemocratização. Nesse ano houve ainda a passagem do poder do general Ernesto Geisel (1974-1979) para o general João Batista Figueiredo (1979-1985), que viria a ser o último presidente castrense da Ditadura. Ainda em 1979 a abertura começava a ganhar espaço e a luta pela anistia deu fôlego para que a sociedade ampliasse suas pautas. Com a Lei da Anistia promulgada ocorreu a volta ao país de muitas figuras emblemáticas que estavam exiladas e a oposição ao regime voltou a se reorganizar. Partidos políticos foram fundados e o clamor da sociedade civil pela volta da democracia somente aumentaria.

> [...] um momento de efervescência política, pois a conjuntura foi marcada pelos seguintes fatores: "a década de 1980 foi a da anistia (1979), a do desenvolvimento dos movimentos sociais e a de uma luta vigorosa pelo fim do regime militar, presidida pela palavra de ordem da redemocratização [...] (Gomes, 2005, p. 23).

Como exemplo da atmosfera política da época, a editora que publicou a obra, a Editora Vega, foi fichada no Serviço Nacional de Informações (SNI) como produtora de literatura esquerdista. Ainda como um indício da época e revelador da importância das publicações nanicas contestadoras, nas páginas finais da primeira edição de "Retrato Falado" constam dois anúncios de publicações alternativas, o jornal paulistano "Em Tempo", apresentado como "um jornal de esquerda, ao lado dos trabalhadores" (Lor, 1979) e o dicionário de Comunicação da Codecri, responsável por publicar "O Pasquim" e definido pelo *slogan* "a editora do rato que ruge", devido à mascote, o ratinho Sig. Lor já havia colaborado para as duas iniciativas.

A obra se constitui como um misto de auto história e jornalismo. Possui contornos autobiográficos, ao mesmo tempo que pretende retratar uma vivência coletiva. Exemplos podem ser arrolados: Lor, autor da história em quadrinhos, foi um preso político, assim como um dos editores do quadrinho, o professor e político Edgar da Mata Machado, que teve seu filho universitário assassinado pela ditadura. Ao ser indagado se a obra poderia ser uma espécie de relato autobiográfico, Lor respondeu: "Cada gota de nanquim tem um pouco do nosso sangue, mas a história é coletiva" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 13 de setembro de 2025). O artista recusa a perspectiva de valorização de si próprio e transfere o processo de

criar a obra a uma inserção plural na sociedade. A mesma metáfora do sangue também é utilizada pelo desenhista Art Spiegelman, criador da emblemática e seminal história em quadrinhos "Maus", que aborda os horrores vivenciados pelos judeus durante o holocausto. Spiegelman intitulou o primeiro volume de sua obra como "Meu pai sangra história".

Perguntado sobre o que lhe motivou a desenvolver a obra, justificou responder a uma demanda social: "Uma necessidade imperiosa de enfrentar a ditadura injusta e cruel que já havia torturado e matado a tantos" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 13 de setembro de 2025).

A obra "Retrato Falado" pode ser apontada como o primeiro álbum de história em quadrinhos brasileiro. O título foi pioneiro ao inaugurar um caminho que somente seria retomado décadas depois. Lor inaugura um formato, ao trabalhar com uma história longa, com densidade e complexidade exposta em várias camadas. No lugar das histórias em quadrinhos brasileiras até então publicadas, que eram apresentadas no formato de tirinhas curtas de alguns balões, ou no máximo uma reunião de histórias breves, com algumas páginas, "Retrato Falado" conta com 120 páginas, apresentada no formato de livro, medindo 14,0 cm por 23,0 cm e lombada quadrada. Características que configuram um álbum de histórias em quadrinhos.

Um aspecto inovador em "Retrato Falado" é a construção de personagens complexos e a existência de um roteiro detalhado subdividido em duas partes. O roteiro foi alvo de elogios por colegas desenhistas como André Diniz e Nilson, em prefácios da obra. Diniz resumiu o enredo da seguinte forma: "Ótimos desenhos, roteiro perfeito. Uma história completa de 100 páginas" (Diniz, 2023, p. 11). Nilson destacou: "O ritmo, o corte, a 'montagem' dessa história nos envolve de uma maneira que só os autores maduros sabem fazer, seja no quadrinho ou no cinema" (Nilson, 2023, p. 7). Ao ser indagado se fez um roteiro prévio, ou se a criação seria mais espontânea, respondeu: "O processo é meio desconhecido: sou tomado pela necessidade de me expressar e o que vier, eu traço, literalmente" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 13 de setembro de 2025). A proposta explicitada era algo novo para o próprio Lor, que até então se notabilizara com a publicação somente de charges políticas.

A história em quadrinhos como gênero pode ser caracterizada por uma forma única de expor um tema, com a junção entre texto e imagem. O semiólogo francês Roland Barthes chamou atenção para a articulação entre linguagem e imagem:

> A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias, está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (Barthes, 1976, p. 19).

"Retrato Falado" se constitui como a representante brasileira de um gênero que estava sendo explorado em países como a Argentina, que se destacou mundialmente com uma escola de artistas que fizeram produções engajadas, como "O Eternauta", roteirizada por Oesterheld, que assim como Lor, também foi preso. No caso de Oesterheld o roteirista até hoje consta nas estatísticas de desaparecidos da Ditadura Militar Argentina.

Um pesquisador que reconheceu a engenhosidade da trama foi Moacy Cirne, que redigiu o ensaio "Lor e o quadrinho político", publicado como capítulo no livro "A explosão criativa dos quadrinhos". Ao comentar a atuação do Contra-ataque, defende que as metas do grupo iam no sentido oposto do quadrinho conservador: "Outros são os objetivos de um quadrinho politicamente consciente" (Cirne, 1982, p. 107). Reconhece a contribuição de desenhistas que deram sua contribuição com uma "visão crítica da realidade" (Cirne, 1982, p. 104), tais como, Luís Gê, Claudius e Luiz Fernando Veríssimo. Inclui Lor em um amálgama de artistas que ele denomina com um "trabalho sistemático para sindicatos e centros culturais de trabalhadores, sobretudo em Belo Horizonte e na capital paulista. Registre-se assim, em Belô, os cadernos do CET, da Fundação Estudos do Trabalhador" (Cirne, 1982, p. 104).

A seguir, será feita uma análise detida da obra, partindo do pressuposto construído por Thierry Groensteen no livro "O sistema dos quadrinhos" de que as histórias em quadrinhos devem ser interpretadas como um sistema complexo formado por partes que não podem ser trabalhadas dissociadas, como, por exemplo, o uso de balões de fala ou de onomatopeias, mas um todo que se integra, denominado pelo autor como "artrologia":

> Se os quadros de uma história em quadrinhos constituem uma rede, ou mesmo um sistema, o entrelaçamento manifesta sua consciência. A lógica sintagmática da sequência sobrepõe-se a uma lógica outra, associativa (Groensteen, 2015, p. 164).

Pressuposto semelhante é defendido por Benoît Peeters em "A nova arte", de que: "Percebemos a imagem global antes de ler pacientemente, avançando da esquerda para a direita e de cima para baixo" (Peeters, 2025, p. 39).

A técnica utilizada em "Retrato Falado" foi o uso de lápis e finalização com tinta nanquim. A opção pelo preto e branco permite explorar o contraste. Além da facilidade de reprodução em termos econômicos, o formato permite que o artista se valha da criação de uma atmosfera mais impactante, criando no leitor um maior envolvimento, com gamas de suspense, terror e quando necessário o branco como um elemento que confere respiro entre cenas. Em detrimento de uma arte plástica tradicional, preocupada com questões estéticas, está a opção pelo traço caricatural, despojado de requinte. Nitidamente a escolha é a da politização, no lugar de um beletrismo. Tal como Walter Benjamin definiu como a "politização da arte" (Benjamin, 2017, p. 47) face a contemplação do prazer estético, na conclusão do ensaio "A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica".

Lor se vale de amplo uso de textos, seja de balões, ou descritivos. A letra adotada é a do próprio artista, conferindo autenticidade à trama, no lugar de fontes digitadas e impessoais. O álbum foi lavrado manualmente, o que reforça a característica pessoal e única da obra. A disposição dos quadros no início é conservadora, reproduzindo padrões convencionais, mas na medida que a história se desenvolve o artista se permite experimentações, como quadros sem molduras ou páginas inteiras dedicadas a apenas um desenho para enunciar o destaque que merecem. Com o auxílio do profissional João Delpino, responsável pela diagramação das fotografias adotadas, em alguns momentos o roteiro se vale de imagens de manifestações e também faz uso metalinguístico de artigos de imprensa, como da revista estadunidense "Time" (Figura 2). Roland Barthes utilizou o conceito de "trans linguística" para abordar o fenômeno de tal entrecruzamento de formas: "A Semiologia é talvez, então, chamada a absorver-se numa trans linguística, cuja matéria será ora o mito, a narrativa, o artigo de imprensa" (Barthes, 1977, p. 13).

Figura 2 – exemplo de metalinguagem utilizando um artigo de revista



Fonte: Lor, 2023, p. 77

O ritmo em que a história é contada é veloz, não cansando o leitor, com bom *timing* e conduzindo bem a fruição da narrativa, se valendo dos recursos que as histórias em quadrinhos permitem, que ao contrário do cinema e outras mídias, possuem técnicas próprias de discurso, revelando a sua complexidade. O título do livro remete a um "retrato falado" do Brasil. Ao ser perguntado sobre a motivação para batizar a obra, o artista respondeu da seguinte maneira: "Sempre me intrigou a técnica policial de se fazer o retrato de um suspeito a partir da narrativa oral de uma testemunha. Há certo grau de imprecisão, de subjetividade, de envolvimento pessoal no retrato que se faz do acontecimento" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 2 de outubro de 2025).

Na capa da primeira edição (Figura 3), de 1978, a obra revela a perspectiva crítica logo de início, como um cartão de visita. Ou ainda no texto de rodapé, que resume a proposta como “um quadrinho de briga”. Na cabeça da página consta a palavra contra em branco com o fundo preto, com a letra r ao contrário, sendo complementada na parte debaixo com a palavra ataque. Contra-ataque era o nome do prolífico grupo de artistas já mencionado anteriormente. A imagem não é menos enfática que o texto, pelo contrário. No quadro central da capa se observa a figura de uma caveira com um capacete e farda militares. As patentes podem ser vistas nas ombreiras, apontando que se trata de um oficial e não um posto de baixa patente, como um recruta, por exemplo. Existe a licença poética onde a caveira se comunica através de um balão clássico de quadrinhos entabulando o título da obra, “Retrato Falado”, acompanhado da assinatura de Lor. Ao fundo se enxerga os requadros da moldura com o total de seis quadrinhos encobertos de sangue, ilustrados com tinta vermelha, conferindo dramaticidade à cena. O amarelo é adotado nas insígnias do militar e no interior do balão. Cumpre destacar a plasticidade da capa como um todo, compondo um cenário que funciona como uma espécie de antessala para o leitor intuir o que existe no corpo da publicação. Na última capa existe uma apresentação do autor, com duas fotos, se valendo do recurso da metalinguagem.

Figura 3 – capa da edição original de 1979



Fonte: Lor, 1979

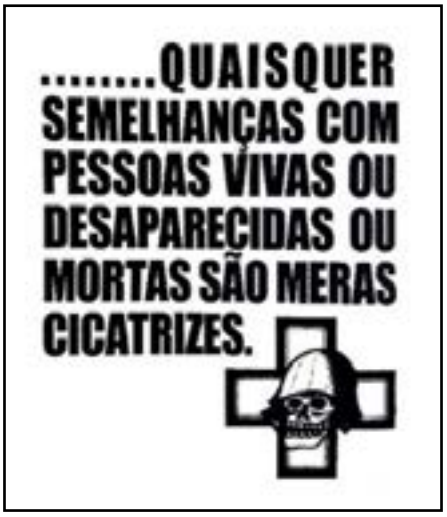
POR DENTRO DA OBRA: UMA ANÁLISE

Rosário, 12 de dezembro. Assim tem início a história em quadrinhos, com o título em letras garrafais. O lugar fictício remete ao recurso utilizado pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez que criou Macondo, para emular a realidade de seu país, na obra prima “Cem anos de Solidão”. A Rosário de Lor é uma referência a um local de sua cidade natal, Jesuânia: “Porque há um bairro em minha terra natal, Jesuânia, com este nome” (Entrevista

concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), autor da obra *Retrato Falado,* ao autor, por correio eletrônico, realizada em 2 de outubro de 2025). Mesmo não sendo um bairro propriamente dito, mas sim onde existe a principal igreja da cidade, que abriga uma tradicional festa do lugarejo.

O batismo do país de Rosário figura como um expediente para designar o Brasil. Funciona em duplo sentido. Primeiro para driblar a censura, que já começava a arrefecer nessa época de distensão da ditadura; em segundo plano abre brecha para uma perspectiva criadora e não reprodutiva, afinal a história de Lor não foi feita sob os cânones do realismo, se tratando de uma obra de ficção com elementos da realidade concreta. Na última página do livro, um aviso (Figura 4): "...quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou desaparecidas ou mortas são meras cicatrizes" (Lor, 2023, p. 114).

Figura 4 – última página da obra "Retrato Falado"



Fonte: Lor, 2023, p. 114

A narrativa é mesclada, alternando entre senhores que representam os donos do poder, como o empresário Karlos Pital, que emula à forma com que a palavra capital é grafada em alemão (k) e operários que batem ponto e acordam cedo, como Pedro Brás e se acidentam com as condições de trabalho fabris. Um elemento central são os militares a reprimir se valendo do exercício da ditadura, sendo que Lor consegue apresentar nuances dentro desse estamento, descrevendo uma disputa entre a linha dura do personagem intitulado Bunker e o legalista general Monteiro, que no fim é assassinado pelo primeiro. A inspiração para a escolha dos nomes dos personagens militares centrais, os generais Bunker e Monteiro, foi revelada pelo artista, que justificou a escolha por raízes históricas: "O Bunker foi para soar coisa de alemães nazistas e Segunda Guerra. O outro para fazer um contraponto com o lado português dos ditadores, meio Costa e Silva, os generais menos

duros do que os demais" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 2 de outubro de 2025).

Dessas múltiplas camadas vai se constituindo a densidade do enredo, envolvendo o leitor ao apresentar as diferentes perspectivas sociais. Uma técnica adotada na história é a de narrar as vidas dos personagens, avançando através de tempos simultâneos, que acabam assim se entrecruzando. A cada quadrinho é apresentada uma perspectiva de vida. A forma fatiada traz uma aura de enigma e suspense que fica a ecoar, deixando a história em aberto. O aspecto fragmentado acaba por ganhar no todo um aspecto uníssono e essa unidade fabrica um bloco coeso. Através da sucessão de quadros as histórias de vida se entrecruzam, como um avião que sobrevoa o ar em cima da fábrica onde em breve irá ocorrer um acidente com o operário Pedro Brás. Tais estratagemas demonstram a criatividade presente no roteiro. No lugar da simplicidade usual de muitos quadrinhos com viés comercial, existe uma complexidade. O entrelaçamento também é apresentado ao unir as vidas de personagens como Tenório, Pereira e Vladimir. A multiplicidade de vidas permite a Lor fazer uma reconstrução do clima da época, dos medos, angústias e a forma de agir e pensar típica de tal cenário. Se pinta um quadro panorâmico de um Brasil ditatorial onde coexiste a corrupção de poderes. Se respira a atmosfera dessa página da história. Os objetivos do coletivo de desenhistas Contra-ataque foram atingidos ao representarem como funcionam as engrenagens da sociedade, inclusive em termos estruturais macros, do sistema capitalista, ao fazerem a denúncia através de arquétipos como o do empresário Karlos Pital, que é o estereótipo caricatural do burguês sendo representado como calvo, vestindo terno e fumando charuto.

O jornalista Vladimir representa na trama a importância da imprensa livre e como tais trabalhadores dedicaram suas vidas ao denunciarem os desmandos da Ditadura, pagando com a vida por seu compromisso. O nome do personagem, segundo Lor em entrevista ao autor do presente artigo, é uma menção direta ao jornalista Vladimir Herzog, o Vlado, símbolo da luta contra o regime, ao denunciar em suas matérias as repressões. Em 1975, foi encontrado morto em sua cela, tendo sido enforcado poucas horas depois de ser detido. Os militares tentaram encobrir sua morte relatando suicídio. A imprensa tem um papel de destaque, com a censura sendo denunciada através dos balões de fala dos jornalistas, com frases onde os mesmos retrucam (Figura 5): "Mas estamos proibidos de falar qualquer coisa" (Lor, 2023, p. 30).

Figura 5 – abordagem do tema da censura à imprensa



Fonte: Lor, 2023, p. 30

Jovens universitários são abordados na trama, como Maria Auxiliadora, personagem feminina que estuda na Faculdade de Medicina, tal como Lor havia cursado. O movimento estudantil foi um importante ator político no combate à Ditadura e as suas contradições e inquietações são representadas pelo personagem Otávio, um diletante militante de centro acadêmico que funciona como um protagonista. Lor reconhece a importância da vida universitária na formação da conscientização: "Por meio do movimento estudantil e de um colega de república que era do PC do B e me mostrou uma visão diferente do mundo cristão e burguês em que fui criado" (Entrevista concedida por Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (Lor), ao autor, por correio eletrônico, realizada em 2 de outubro de 2025).

A luta agrária é pintada nas páginas de "Retrato Falado". João Cabanas é a personificação do setor campesino, primeiro como um trabalhador dos seringais e suas condições insalubres e depois em fazendas no sul do país. A exploração se dá por meio do grupo agroexportador K.Pital, que possui como *slogan* um lema que acaba por remeter ao protestantismo grafado na placa de uma fazenda exportadora (Figura 6): "O trabalho dignifica o homem" (Lor, 2023, p. 28). Com signos passageiros, vai se compondo uma plataforma onde se denuncia aspectos como a dependência a um modelo agroexportador de capitalismo periférico, dependente das denominadas *plantations*.

Figura 6 – o lema da fazenda exportadora



Fonte: Lor, 2023, p. 28

A obra menciona na ficção diversos fatos verídicos, como o sequestro de um avião de carreira. O método foi utilizado pela guerrilha, ao passo que os militares os denominavam como terroristas, inimigos da ação. O exemplo ilustrado na história em quadrinhos guarda contornos semelhantes ao episódio de primeiro de julho de 1970 onde a guerrilheira Jesse Jane e seu companheiro Colombo Vieira sequestraram o avião Caravelle PP-PDX da empresa Cruzeiro do Sul e ordenaram que fosse para Cuba (Figura 7). Na imagem um militante empunha uma arma no ouvido do piloto aturdido, anuncia o sequestro e ordena que ele fique quieto, enquanto ao fundo se vê a silhueta de outro membro da organização também armado. A traição do piloto, a repressão que se deu a seguir e outros traços descritos guardam bastante semelhança com o real. Defende-se aqui que tais menções são pedagógicas, pois ao ter contato com tal conteúdo os leitores podem ter acesso aos episódios históricos reais.

Figura 7 – a abordagem aos sequestros de aviões



Fonte: Lor, 2023, p. 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história em quadrinhos “Retrato Falado” se constitui como elemento fundamental de resistência artística aos desmandos da Ditadura. Com repercussão até os dias atuais, o que mobilizou o artista foi realizar a denúncia daquele estado de coisas sufocante de um regime de exceção. Um dos sinais da importância daquele tipo de produção e conteúdo foi o fichamento da Editora Vega como produtora de conteúdo esquerdista. Mesmo sendo uma área tradicionalmente conservadora do ponto de vista político, a medicina, durante a Ditadura, convivia com uma sociedade mais efervescente, na qual o acesso a conteúdo e ao contato com pessoas comprometidas com a resistência ao regime era relativamente mais fácil. Trabalhou arduamente no material, ao ponto de reunir em pouco mais de uma centena de páginas a síntese do que julgava ser necessário denunciar. Uma espécie de contra-ataque, de fato como está escrito na capa original e que batizou o coletivo de artistas que lutou contra a ditadura.

Lor enxerga a realização de sua história em quadrinhos “Retrato Falado” como uma necessidade. A reedição subsequente de sua principal obra aponta para o fôlego de “Retrato Falado” atuar não somente na época de sua produção, mas ecoa até os dias atuais, servindo como um processo pedagógico de memória sobre um período da história brasileira que não deve despertar saudade, mas pelo contrário, nunca mais ser reeditado.

A história em quadrinhos se tornou referência para novas gerações que não viveram na época descrita na ficção, mas que demonstram profundo interesse em compreender o estado de coisas ali sucedido. O álbum funciona como uma chave de compreensão daquela época.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland. **Introdução à Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

DINIZ, André. Prefácio. *In*: LOR. **Retrato falado**. Belo Horizonte: Editora Mambembe, 2023.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Ângela de Castro. **Culturas políticas:** ensaios de história cultural, cultura política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

NILSON. Prefácio. *In*: LOR. **Retrato falado**. Belo Horizonte: Editora Mambembe, 2023.

LOR. *In*: **Piracicaba**: 30 anos de humor. São Paulo: Imprensa oficial do estado, 2003.

LOR. **Retrato falado**. Belo Horizonte: Editora Vega, 1979.

LOR. **Retrato falado**. Rio de Janeiro: Nona Arte, 2002.

LOR. **Retrato falado**. Belo Horizonte: Editora Mambembe, 2023.

PEETERS, Benoît. **Histórias em quadrinhos:** a nova arte. São Paulo: Qs Comics, 2025.

Sobre o autor:

Marcio José Melo Malta

Professor Associado de Ciência Política na Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF, Relações Internacionais) e docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos de Defesa e Segurança (PPGEST/UFF).Doutor em Ciência Política no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (PPGCP/UFF), Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense.
https://orcid.org/0000-0002-7399-3248 • marciomalta@id.uff.br

Conflito de Interesse

Os autor declara não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

MALTA, M. J. M. Retrato Falado: memória e resistência à ditadura através de uma história em quadrinhos. **Letras**, v. 35, n. 74, e95148, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95148. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/95148. Acesso em: XX/XX/XXXX